

SANTOS, Joaquim Rodrigues dos. "Da Roma Eterna à Roma do Oriente: Sobre a Problemática do Enquadramento Visual de Fachadas de Duas Torres com Zimbórios Centrais na Arquitectura Religiosa Goesa". In: *Cadernos PPG-AU*. Salvador da Bahia: Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, 2014, nr.11, pp.39-58.

# cadernos



**PPG-AU**  
**FAU FBA**

**INTERFACES ENTRE A ARQUITETURA  
RELIGIOSA E A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM  
URBANA NAS COLÔNIAS LUSITANAS**

**Número Especial 11**

# DA ROMA ETERNA À ROMA DO ORIENTE

## Sobre a problemática do enquadramento visual de fachadas de duas torres com zimbórios centrais na arquitectura religiosa goesa

### FROM THE ETERNAL CITY OF ROME TO THE ROME OF THE EAST

*On the problematic of the visual framing of façades with two towers and central domes in the Goan religious architecture*

**Resumo:** O enquadramento entre fachadas de duas torres e zimbórios foi um problema que os arquitectos barrocos procuraram resolver. Se até à época renascentista o problema não se punha, a partir da construção da nova Basílica de São Pedro no Vaticano (Roma) este tema passou a estar presente nas mentes dos projectistas: como resolver o enquadramento visual do zimbório com as torres laterais das fachadas? Também na igreja teatina de Goa se colocou a problemática do enquadramento do zimbório com as torres da sua fachada. Este templo foi a primeira e única igreja com zimbório erguida na parte oriental do império português, e o seu zimbório, pela grande dimensão, beleza e rapidez de execução, tornou-se no principal motivo arquitectónico da igreja para quem a observa de longe, tendo-se convertido em alvo de admiração. Esta admiração deu inclusivamente origem a um conjunto *sui generis* de igrejas paroquiais no território das Velhas Conquistas de Goa, possuindo fachadas com forte demarcação dos andares e, sobretudo, um falso zimbório entre as torres laterais, mais precisamente na parte superior do pano central da fachada.

**Palavras-chave:** Goa, Roma, arquitectura religiosa, fachadas de duas torres, enquadramento de zimbórios

**Abstract:** The framing between domes and façades with two towers was a problem that Baroque architects tried to solve. If until the Renaissance the problem almost did not exist, from the construction of the new basilica of Saint Peter in the Vatican (Rome) onwards this theme became present on the architects' minds: how to solve the visual framing between dome and lateral towers from church façades? This problematic existed during the construction of the Theatine church in Goa, the first and only church with a dome built in the eastern part of the Portuguese empire. This dome, because of its dimension, beauty and fast construction, became the main architectural object of the Theatine church for those who were seeing it from far. The admiration caused by this dome gave origin to a *sui generis* set of parish churches in the areas of the Old Conquests in Goa: these churches had a façade with a strong demarcation of their storeys, but their major characteristic was the false dome placed between the lateral towers, more precisely in the upper part of the central area of the façades.

**Keywords:** Goa, Rome, religious architecture; façades with two towers; framing of domes

## Da Roma Eterna...

Em meados do século XV, a cidade de Florença considerava-se depositária da antiga tradição clássica, mais ainda do que Roma, então mergulhada em problemas diversos. Embora no fundo a influência clássica nunca tenha desaparecido completamente do centro de Itália, por essa época deu-se um forte reaparecimento cultural influenciado pela Antiguidade Clássica, não só como o culminar de uma maturação cultural que localmente se vinha desenvolvendo, mas também devido ao súbito interesse pelo mundo clássico romano, através do estudo das várias obras produzidas nessa época ancestral.

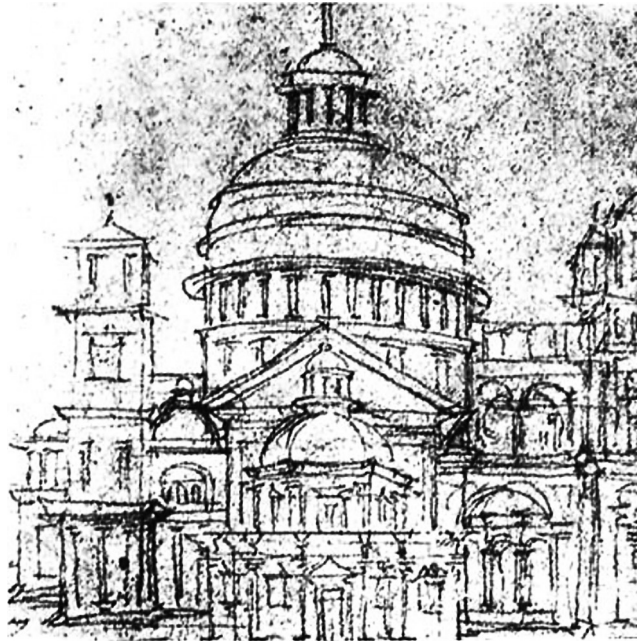
A tudo isto se aliou ainda a chegada de inúmeros artistas e intelectuais bizantinos, refugiados após a tomada de Constantinopla em 1453 pelos turcos Otomanos. De facto, os bizantinos consideravam-se legítimos herdeiros da tradição greco-romana clássica, que havia perdurado de certo modo por intermédio do Império Bizantino.

No alvorecer da Idade Moderna, e mais concretamente nesse “renascimento” da cultura clássica, os arquitectos quatrocentistas encontraram-se perante um problema delicado: como aparentemente não existiriam templos cristãos na Antiguidade Clássica, a questão do desenho das fachadas das igrejas surgiu então como algo de difícil resolução, visto que não existiam modelos clássicos que pudessem servir de base aos novos templos cristãos. Conforme afirma Paulo Varela Gomes, a questão que se deparou a arquitectos e teóricos da Idade do Humanismo foi a de tentar descobrir uma fachada para um templo cristão que fosse inspirada em modelos greco-romanos clássicos, que se ajustasse às igrejas de planta em cruz latina com nave central mais alta que as laterais, e que por outro lado não suscitasse conotações com o paganismo. (GOMES, 1991) Para resolver o problema, foram adoptadas inúmeras soluções testadas em Itália, Espanha e, sobretudo, em Portugal e nos seus territórios ultramarinos<sup>1</sup>.

O projecto da nova Basílica de São Pedro em Roma foi a que maior debate provocou a propósito da utilização de torres na fachada<sup>2</sup>. Além de enquadrar o vasto e longo processo de recuperação da importância de Roma no Mundo cristão, o novo templo deveria de ser um digno sucessor da antiga basílica constantiniana, para além de representar um símbolo grandioso e imponente do primado de São Pedro e da Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Mas deveria apresentar também uma monumentalidade como a das grandes catedrais medievais, símbolos de uma fervorosa fé cristã. As torres ladeando a fachada principal eram uma característica marcante das grandes catedrais medievais, especialmente as góticas, que apresentavam um enorme impulso vertical. Daí que, apesar de na tradição clássica italiana não existirem praticamente templos com fachadas de torres laterais, tenha sido um imperativo a imposição desse tipo de torres laterais (com linguagem classicisante) na fachada da nova basílica vaticana.

Em 1505, Giuliano da Sangallo (c. 1443-1516), Fra Giovanni Giocondo (1433-1515) e Donato Pasciuccio “Bramante” (1444-1514) apresentaram os seus projectos para a nova Basílica de São Pedro em Roma, tendo o papa Júlio II (1443-1513) escolhido o projecto de Bramante. As obras da nova basílica iniciaram-se um ano depois, em 1506. O projecto de Bramante está patente numa planta, mas também numa medalha comemorativa do lançamento da obra (e respectivo esquiço), executada por Cristoforo Foppa “Caradosso” (1445-c.1527), ambos conservados no *Gabinetto dei Disegni agli Uffizi* em Florença (Figura 1). Analisando a planta e a medalha, é possível concluir que aparentemente Bramante projectou para a nova basílica uma planta em cruz grega com zimbório sobre a zona central, possuindo ainda torres nos quatro cantos da igreja. As torres, de quatro andares, surgiriam como elementos quase autónomos do corpo da igreja.

Quando Donato Bramante decidiu superar as duas mais famosas construções da Antiguidade Clássica, “colocando o Panteão sobre a basílica de Constantino”, estava longe de imaginar a celeuma que a obra iria causar no decorrer do longo período de construção. Se a introdução de torres ladeando a fachada era já uma questão problemática, a inserção de um zimbório sobre a zona central do edifício veio acentuar as dificuldades, ao introduzir uma nova problemática relativa ao enquadramento visual dos zimbórios pelas torres laterais – problema que não existia com as torres-agulha medievais sobre o cruzeiro das catedrais, pois eram mais altas e esguias. O enquadramento visual entre as torres e o zimbório foi de facto um problema que os arquitectos da Idade Moderna procuraram obsessivamente resolver. Se até à época renascentista o problema não se punha, a partir da construção da nova Basílica de São Pedro em Roma este tema esteve constantemente presente nas mentes dos projectistas: como resolver o enquadramento visual do zimbório através das torres laterais presentes nas fachadas?



**Figura 1: Esquício para a medalha de Caradosso representando o projecto de Bramante para a Basílica de São Pedro no Vaticano em Roma.**

Fonte: Gabinetto dei Disegni agli Uffizi.

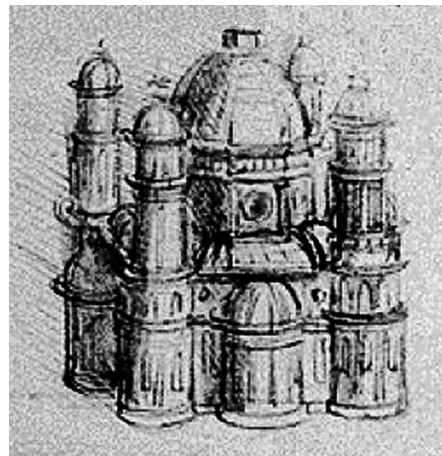
Esta problemática surgiu quando a cúpula, anteriormente utilizada apenas em edifícios circulares, também passou a poder ser aplicada em edifícios com outros tipos de planimetria. De facto, os antigos edifícios com cúpulas apresentavam uma planta circular, como o Panteão de Roma; por norma, estes edifícios não possuíam torres ou, se existiam, não interferiam significativamente com a cúpula. O caso mudou de figura na época renascentista, quando os arquitectos consagraram uma solução para as cúpulas

que não exigia planta circular, visto que a cúpula poderia apoiar-se somente em quatro pontos. Além disso, ao introduzir um novo elemento adicional à cúpula – o tambor com janelas, permitindo maior luminosidade no interior dos templos –, o novo conjunto arquitectónico, agora denominado zimbório, tornou-se mais esbelto ao sobrelevar-se, e adquiriu uma presença visual substancialmente elevada no conjunto geral, tornando-se elementos visuais marcantes nas paisagens urbanas. Ao tornar-se um dos elementos principais da composição exterior dos templos cristãos, o zimbório começou a ser cada vez mais valorizado arquitectonicamente. Porém, a sua presença vertical e maciça entraria em confronto com outros importantes elementos verticais, sobretudo com as torres laterais das fachadas. Pelo que de imediato se colocou a questão do enquadramento visual entre estes elementos arquitectónicos.

Em relação às torres projectadas por Bramante para a nova Basílica de São Pedro, se por um lado a sua autonomia e grande altura eram específicas dos *campanile* italianos, por outro lado a divisão das torres em pisos já não aparentava ser uma característica italiana, parecendo antes remetê-las para os desenhos existentes no *Códice Magliabechiano* de Antonio Averlino “Filarete” (c.1400-c.1469)<sup>3</sup> (Figuras 2 e 3). Quando em 1514 Rafael Sanzio (1483-1520) sucedeu a Bramante no cargo de arquitecto da nova Basílica de São Pedro em Roma, as obras encontravam-se ainda numa fase embrionária, discutindo-se sobretudo a escolha entre a utilização da planta longitudinal ou da centralizada. Aproveitando muitas das ideias de Bramante, Rafael propôs uma planta em cruz latina para onde, segundo afirmou Sebastiano Sério (1475-c.1554), havia projectado uma monumental fachada porticada entre duas elaboradas torres que enquadriam o zimbório, o qual parece perder importância visual.



**Figura 2: Desenho de Filarete de mostrando uma igreja de planta central com zimbório enquadrado por torres nos ângulos.**  
Fonte: Códice Magliabechiano.



**Figura 3: Desenho de Da Vinci mostrando uma igreja de planta central com zimbório enquadrado por torres nos ângulos.**  
Fonte: Carta de Leonardo Da Vinci guardada no Institute de France.



Em 1546 o papa Paulo III (1468-1549) convidou Miguel Ângelo Buonarroti Simoni (1475-1564) para orientar as obras do novo templo vaticano. A solução encontrada por Miguel Ângelo passou pelo regresso à planta em cruz grega, muito semelhante à de Bramante. Criticando o projecto do seu antecessor, Miguel Ângelo não só suprimiu do projecto para a basílica vaticana o corpo saliente em relação à fachada que havia sido proposto por Sangallo, como desafiou a obsessão pelas torres que até aí prevalecia. Ao simplesmente retirá-las do projecto, concentrou desse modo a massa do edifício numa única mole, coroada por um enfatizado zimbório. A razão para não se construírem torres laterais na nova basílica poderá ter sido para permitir o desimpedimento visual do elegante zimbório por si projectado – a sua maior contribuição em todo o processo.

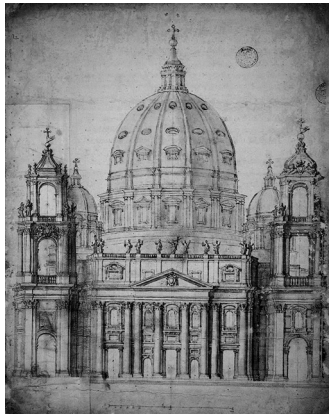
Em 1607 o papa Paulo V (1552-1621) decidiu terminar a fachada da basílica vaticana e prolongar o seu corpo, transformando a cruz grega (do projecto de Miguel Ângelo) em cruz latina. Para tal, organizou um concurso, que foi ganho por Carlo Maderno (1556-1629). A sua proposta apresentava uma fachada com proporção mais larga que alta e acentuada pelos dois corpos laterais sobre os quais assentariam torres; estas possuiriam apenas um andar acima da cimbalha, de onde arrancavam, e os corpos laterais sobre os quais assentavam integravam a fachada de modo mais coerente (Figura 5).



**Figura 5: Projecto de Maderno (gravura de Matteo Greuter) para a Basílica de São Pedro no Vaticano.**  
Fonte: Colecção Chigi.

Quando mais tarde Gian Lorenzo Bernini (1598-1680) sucedeu a Maderno e passou a dirigir as obras da nova basílica, resolveu demolir os extremos da fachada que haviam sido executados sob a direcção de Maderno, projectando uma nova fachada com duas torres (nunca construídas) que seriam ligeiramente mais altas, mais vincadas

verticalmente e estariam de algum modo independentizadas da restante fachada, mediante a marcação do seu assentamento (Figura 6). Estas torres eram assim de algum modo autónomas em relação ao corpo central da fachada, que não integravam unitariamente. Bernini terá percebido que a nova fachada anteriormente construída tornaria impossível contemplar simultaneamente as torres enquadrando o zimbório por completo, à medida que se fazia a aproximação à basílica (Figura 7). De facto, para Bernini seria eventualmente desejável que o enquadramento visual do zimbório com as torres laterais fosse prioritariamente contemplável a partir da praça elipsoidal colunada frente à nova Basílica de São Pedro, também ela projectada por si. E seria desse espaço amplo e livre de construções que o efeito se pretendia mais magnífico, visto que exteriormente à colunata da praça de São Pedro, a malha urbana do bairro Borghi, com edifícios de vários pisos e ruas relativamente estreitas, impossibilitariam a percepção do enquadramento do zimbório com as torres laterais, assim como da própria grandiosidade do conjunto religioso em todo o seu esplendor<sup>4</sup>.



**Figura 6: Projecto de Bernini para a Basílica de São Pedro no Vaticano.**  
Fonte: Coleção Chigi.



**Figura 7: Basílica de São Pedro no Vaticano vista a partir da via da Conciliação.**  
Fonte: Fotografia do autor, 2010.

Essa poderá ter sido uma das razões para ter demolido as torres propostas por Maderno, tentando assim resolver o problema do enquadramento do zimbório com as torres laterais ao dar-lhes maior proeminência. As torres laterais por si projectadas tentariam enquadrar o zimbório semi-escondido, mesmo que apenas parcialmente; porém, devido a problemas técnicos, não terão sido construídas. Como os corpos acrescentados para receber as torres se mantiveram, acabaram por exponenciar a fachada, a qual por si só já bloqueava significativamente a visão do que se passava por trás, como certamente Bernini já teria percebido (Figura 8). Desse modo, a solução para resolver o problema de enquadrar o zimbório através de duas torres laterais ficou definitivamente arredado na basílica vaticana, dando ainda assim azo a inúmeros debates que se prolongaram pelas décadas seguintes.

Nos primeiros projectos para a nova Basílica de São Pedro em Roma, o problema do enquadramento visual entre as torres laterais da fachada e o zimbório central não se pôs de modo incisivo, devido ao facto destas propostas apresentarem maioritariamente plantas em cruz grega e, por isso mesmo, a implantação do zimbório mais perto da fachada permitiria a sua observação enquadrado pelas torres laterais até um ponto situado muito mais perto da basílica. Apesar de vários templos italianos apresentarem influências exercidas em maior ou menos escala pelos sucessivos projectos apresentados para a nova Basílica de São Pedro em Roma<sup>5</sup>, as críticas às soluções propostas para a resolução da problemática relativamente ao enquadramento visual do zimbório com as torres laterais na nova basílica vieram com a ascensão do período Barroco, sendo Francesco Borromini (1599-1667) um dos seus críticos mais mordazes.



**Figura 8: Basílica de São Pedro no Vaticano vista a partir da Praça de São Pedro.**  
Fonte: Fotografia do autor, 2010.

Borromini projectou a fachada da Igreja de Sant'Agnese in Agone em Roma, tendo em mente o potencial conflito de enquadramento visual entre as duas torres laterais da fachada e o zimbório central (Figura 9). A fachada era uma adaptação da frontaria da nova Basílica de São Pedro, mas encurvada para dentro – algo que vinha já dos seus predecessores na obra<sup>6</sup> –, de modo que o zimbório (uma versão esbelta da que havia sido projectada por Miguel Ângelo na basílica vaticana) quase que rematava directamente a parte superior do corpo central da fachada. O exagero da escala do zimbório compensou a vista deste em relação à fachada, tornando-o visível através dos vários pontos da praça Navona, mesmo com a existência das torres laterais.

Outros palcos privilegiados de debate sobre o enquadramento visual de fachadas com torres laterais e zimbórios centrais foram os vários concursos de arquitectura, que durante os séculos XVI, XVII e XVIII, foram sendo realizados em Itália e em outros países europeus<sup>7</sup>. Muitos destes concursos não só estudaram os problemas atrás descritos, como tentaram inclusivamente resolvê-los. No entanto, se a grande maioria dos projectos conseguiu solucionar o problema quando a planta da igreja era centralizada, já o mesmo não sucedia nos casos em que a planta era longitudinal.



**Figura 9: Igreja de Sant'Agnese in Agone em Roma, projectada por Borromini.**  
Fonte: Fotografia do autor, 2010.

### **... à Roma do Oriente**

Em 1639 chegaram a Goa os padres da Ordem dos Clérigos Regulares de São Caetano de Thiene – vulgarmente designados como teatinos –, vindos da sua gorada passagem de evangelização no reino de Golconda, no interior do planalto do Decão. Década e meia depois os teatinos obtiveram permissão para erguer na capital do Estado da Índia Portuguesa o seu complexo religioso, constituído pela Igreja de Nossa Senhora da Divina Providência e pelo Convento de São Caetano, anexo à igreja<sup>8</sup> (Figura 10).

Segundo Rafael Moreira, a igreja foi projectada pelo teatino italiano Carlo Ferrarini (fl.1644-1683), e o mestre-de-obras foi o também italiano Francesco Maria Milazzo (fl.1644-1669). Ferrarini era originário da região de Reggio Emilia, e por isso mesmo

a planta da igreja apresenta influências não só das plantas de igrejas teatinas do norte de Itália, mas especialmente da igreja de peregrinação de Madonna della Ghiara em Reggio Emilia: estas igrejas eram caracteristicamente em *quincunx*, ou seja, possuíam planta centralizada com cruz grega inscrita num quadrado, sendo os quatro braços da cruz coroados por cúpulas e o cruzeiro por um zimbório. A introdução deste tipo de planimetria foi uma novidade no seio da arquitectura religiosa goesa, habituada maioritariamente às edificações longitudinais; também inovador foi a construção de um magnífico zimbório sobre o cruzeiro da igreja, o único no espaço de influência portuguesa no Oriente. E igualmente inusitado, dentro do panorama arquitectónico religioso português, foi a rapidez de execução da obra: somente quatro anos e alguns meses para se construir o corpo da igreja e o zimbório, entre 1656 e 1661. Cerca de 12 anos depois decidiu-se edificar a actual fachada da igreja, concretizada em somente dois anos (entre 1673 e 1675), e também esta era completamente distinta das tradições da cultura portuguesa e indo-portuguesa. (MOREIRA, 1997)



**Figura 10: Igreja de Nossa Senhora da Divina Providência em Goa, projectada por Ferrarini.**  
Fonte: Desenho de Lopes Mendes.

De facto, para além dos teatinos serem originários de Itália e terem chegado a Goa sem passar por Portugal, também não se encontravam vinculados ao Padroado Real Português, sendo geralmente mais afectos à Congregação Propaganda Fide, dirigida directamente a partir de Roma. Talvez por isso a intenção dos teatinos tenha sido a de construir um conjunto arquitectónico que representasse dignamente a instituição religiosa, mas sobretudo que se diferenciasse dos restantes conjuntos religiosos goeses, de fundação portuguesa. A sua ligação directa a Roma – e não a Lisboa – terá também pesado decisivamente no partido a adoptar para o projecto, claramente com caracte-

rísticas italianas e com fortes alusões a Roma. Os teatinos assumiram o propósito de erguer em Goa uma igreja cuja fachada fosse “uma réplica do frontispício da Basílica de São Pedro em Roma” e que possuísse ainda um “zimbório soberbo e único na Índia”, fazendo assim jus ao epíteto de Goa como sendo a “Roma do Oriente”.

A fachada da igreja teatina em Goa é declaradamente inspirada na fachada que Maderno<sup>9</sup> havia elaborado para a basílica vaticana: o corpo central de dois andares, divididos em três tramos e coroado por um frontão, apresenta colunas de ordem colossal; lateralmente a este corpo central ficavam mais dois tramos de cada lado, divididos por pilastras também de ordem colossal; acima do entablamento onde assenta o frontão fica mais um andar dividido em sete tramos, o qual é rematado por uma balaustrada. Não sendo manifestamente igual à fachada de Maderno, a fachada da igreja teatina de Goa não deixa de ser uma evidente alusão à da Basílica de São Pedro de Roma, ainda que no templo goês se tenham preterido, em relação ao templo vaticano, os dois tramos dos extremos laterais, para onde haviam sido previstas as torres (nunca construídas) da nova basílica (Figura 11).



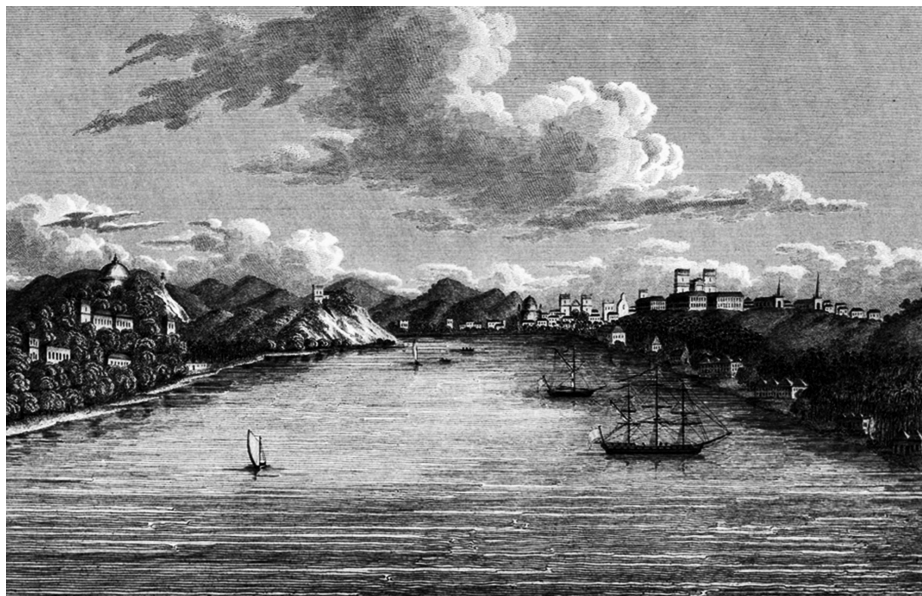
**Figura 11: Igreja de Nossa Senhora da Divina Providência em Goa.**

Fonte: Fotografia do autor, 2006.

Curiosamente, a problemática que havia existido relativamente à inserção (ou não) de torres durante quase toda a construção da nova Basílica de São Pedro em Roma, acabou por se verificar igualmente na sua réplica goesa, embora em menor escala. De facto, na tradição arquitectónica religiosa portuguesa, as grandes igrejas, como as catedrais, possuíam geralmente fachadas frontais ladeadas lateralmente por duas torres, e desde o início da Idade Moderna que em Portugal se realizavam experiências com este tipo de fachada religiosa. Em Goa assistiu-se também a diversas experiências

neste âmbito, e dois dos seus mais proeminentes edifícios religiosos possuíam efectivamente fachadas com duas torres laterais: a sé catedral de Santa Catarina e a Igreja de Nossa Senhora da Graça, pertencente ao Convento de Santo Agostinho. Ambos os templos apresentavam imponentes dimensões e possuíam enormes torres ladeando a fachada principal (Figura 12).

Paulo Varela Gomes afirma que as duas torres existentes na igreja teatina de Goa aparentam ser produto de uma resolução de última hora, procurando responder a esse requisito português das fachadas com duas torres laterais. (GOMES, 2001) Com efeito, o protótipo em que se baseou a igreja goesa – a Basílica de São Pedro em Roma – não tem torres na sua fachada; mas caso as torres tivessem sido efectivamente construídas, estas ficariam colocadas nos tramos dos extremos da fachada, precisamente os tramos que foram suprimidos no projecto da igreja teatina de Goa. A inserção das torres de um andar na igreja goesa produziu um resultado no mínimo dúbio, visto que não se inserem coerentemente na fachada.



**Figura 12: View of the City of Goa from the River.**  
Fonte: Gravura oitocentista de James Forbes.

Mas o efeito pernicioso mais evidente é que as duas torres acentuaram ainda mais o problema do seu enquadramento visual com o zimbório central. O zimbório seria facilmente visível a partir do adro da igreja antes da construção da fachada actual, pois a planta centralizada aproximava o zimbório dos limites exteriores do edifício. Porém, a construção da fachada actual implicou o acrescentamento de volumetria ao nível frontal, o que contribuiu para obstruir parcialmente o ângulo de visão de quem observava o zimbório a partir do adro. A isto se somou ainda a construção das torres, acarretando a

que somente à distância fosse possível contemplar na sua plenitude o zimbório, talvez o principal elemento arquitectónico e ideológico dos teatinos em Goa. Assim sendo, ao nível urbano não só não era possível contemplar o zimbório em todo o seu esplendor a partir do adro da igreja, como também não o seria certamente nas ruas ladeadas de edifícios da restante cidade; porém, na paisagem urbana goesa, o zimbório surgia destacado quando observado a partir das duas colinas que limitavam a cidade, sendo igualmente um elemento proeminente no perfil citadino quando presenciado a partir do rio Mandovi ou das ilhas existentes em frente à cidade (Figura 13).



**Figura 13: Vista de Goa a partir da Capela de Nossa Senhora do Monte.**  
Fonte: Fotografia do autor, 2006.

Terá sido precisamente o perfil da igreja de Nossa Senhora da Divina Providência em Goa que originou um tipo *sui generis* de fachada religiosa, específico do território de Goa, que foi aplicado em diversas igrejas matrizes de fundação franciscana, sobretudo na *taluka* de Bardez, localizada a norte da cidade de Goa. Após a conquista da cidade de Goa em 1510, iniciou-se o processo de conversão dos habitantes locais dos territórios em redor da nova capital do Estado da Índia Portuguesa. Na década de 1540, as principais ordens religiosas estabelecidas em Goa definiram entre si quais as áreas de evangelização que lhes cabia nesses territórios: os franciscanos ficaram com a *taluka* de Bardez (a norte), os jesuítas com a *taluka* de Salcete (a sul) e aos dominicanos coube a maior parte da *taluka* das Ilhas, onde se incluía a ilha de Tiswadi (onde a cidade de Goa estava implantada). O processo de evangelização dessas *talukas* incluiu a destruição dos templos hindus e muçulmanos aí existentes e a sua substituição por igrejas paroquiais geralmente afectas à ordem religiosa que tutelava o respectivo

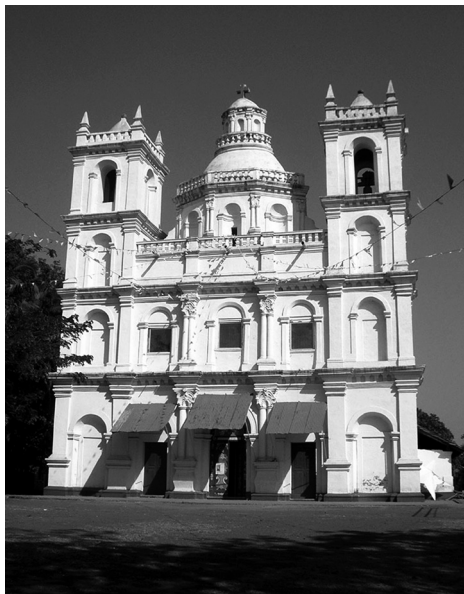
território. Muitas destas igrejas eram inicialmente modestas, e ao longo dos tempos foram demolidas e reconstruídas total ou parcialmente (algumas mais do que uma vez) para aumentar o seu tamanho, melhorar a construção e engrandecer a sua imagem.

Em 1759 foi fundada a Igreja de Santo Estêvão na ilha de Juá, situada frente à ilha de Tiswadi e de onde se poderia avistar o perfil da cidade de Goa. A igreja caracterizava-se por possuir uma organização estrutural e formal ocidental, mas com imensas concessões indianas ao nível da decoração, tornando-se assim num hibridismo vernacular tipicamente goês. Mas a sua característica mais peculiar é, sem dúvida, o falso zimbório situado sobre o pano central da fachada e encostado à frente, entre as torres laterais<sup>10</sup> (Figura 14). Esta característica inédita da arquitectura religiosa goesa havia sido já mencionada por Mário Tavares Chicó (1905-1966) e Carlos de Azevedo (1918-1974) aquando a sua Missão de Estudo dos Monumentos de Goa, Damão e Diu, realizada em 1951. Chicó e Azevedo observaram que estes falsos zimbórios aparentemente desempenhavam o papel dos tradicionais frontões das igrejas.

Quatro décadas mais tarde, José Pereira abordou as igrejas com este tipo de fachada e designou-as como “igrejas cupoliformes”, termo que geralmente se manteve. Se num primeiro momento admitiu que estes falsos zimbórios poderiam eventualmente aludir aos templos hindus, concorrendo com eles em magnificência e simbolismo ao conferir às fachadas um carácter torreado e ornamentado, por outro lado vislumbrou uma previsível influência a partir da igreja teatina de Goa, cuja imponência do seu zimbório poderá ter sugerido a intenção de o reproduzir bidimensionalmente nas singelas igrejas matrizes. Pouco depois, José Manuel Fernandes analisou concisamente a questão deste tipo de fachada barroca indo-portuguesa, a qual por sua vez foi aprofundada por Paulo Varela Gomes muito recentemente.

Foi este último autor que afirmou que a Igreja de Santo Estêvão terá sido a primeira igreja que apresentou este novo tipo de fachada cupoliforme, intencionalmente influenciada pela igreja teatina de Goa na questão do zimbório e, de algum modo, na ornamentação, distinguindo-se assim das outras igrejas goesas mais tradicionais. Esta igreja de Juá acabou por gerar uma tipologia de fachada religiosa distintamente goesa que foi seguida em mais cinco casos; em todos eles as fachadas foram (re)construídas mais tardiamente, já em pleno século XIX, mas mantiveram um carácter geral barroquizante. A Igreja de Santo Aleixo em Calangute, cuja fundação inicial data de 1595, foi reconstruída em meados do século XVIII, datando a sua fachada cupoliforme da segunda metade do século XIX (Figura 15). A igreja de Nossa Senhora da Conceição em Moirá, fundada em 1636, foi reconstruída entre 1800 e 1836, mas a fachada cupoliforme é provavelmente de finais do século XIX (Figura 18). A Igreja de Santana em Bodiem, fundada em 1801, foi totalmente reconstruída em 1893 com uma fachada cupoliforme (Figura 16). A Igreja de São Caetano em Assagão, fundada em 1775, foi também reconstruída em 1897

com fachada cupoliforme. E, finalmente, a Capela de Nossa Senhora dos Milagres em Loutolim, fundada em 1677, sofreu uma remodelação da fachada em finais do século XIX, adquirindo então o tipo cupoliforme (Figura 17). (GOMES, 2011)



**Figura 14: Igreja de Santo Estêvão na ilha de Juá.**  
Fonte: Fotografia do autor, 2006.



**Figura 15: Igreja de Santo Aleixo em Calangute.**  
Fonte: Fotografia do autor, 2006.



**Figura 16: Igreja de Santana em Bodiem.**  
Fonte: Fotografia de Aden Davies, 2008.



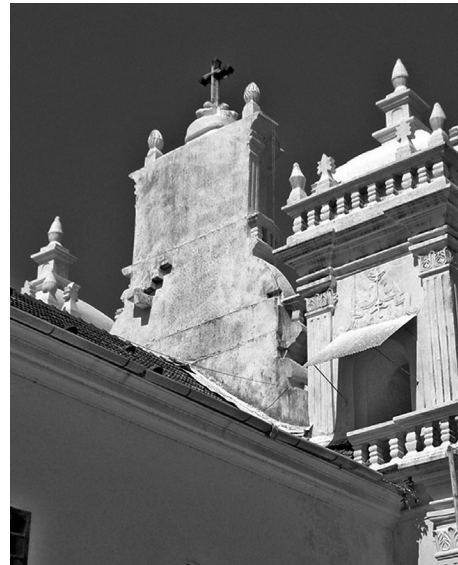
**Figura 17: Capela de Nossa Senhora dos Milagres em Loutolim.**  
Fonte: Fotografia de Sandeep Araujo, 2010.

Todas estas igrejas se situavam na *taluka* de Bardez, com excepção da primeira (*taluka* das Ilhas) e da última (*taluka* de Salcete), e por isso tinham maioritariamente uma tutela franciscana. Os franciscanos de facto parecem ter demonstrado na sua arquitectura uma maior permeabilidade aos gostos locais, integrando-os e originando um tipo de fachada excêntrica e inédita, e ao mesmo tempo cenograficamente apelativa. A fachada destas igrejas era geralmente composta por dois andares divididos em cinco tramos, sendo as divisões entre andares e o remate do andar superior feitas mediante balastradas. Nos três tramos centrais existia uma porta em cada um deles, localizando-se o pórtico principal, mais ornamentado e de maior dimensão, no tramo do meio; as portas do andar térreo eram encimadas no andar superior por janelas, geralmente de sacada. Nos tramos laterais dos extremos, coroados pelas torres de um andar acima da cimalha, abria-se um nicho por andar e uma sineira no superior; tanto as aberturas como os nichos eram em arco, possuindo a sua distribuição na fachada um carácter de algum modo palacial.



**Figura 18:** Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Moirá.

Fonte: Fotografia do autor, 2006.



**Figura 19:** Pormenor da parte posterior do falso zimbório. Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Moirá.

Fonte: Fotografia do autor, 2006.

Mas a principal característica que distinguia este tipo de fachada era indubitavelmente o falso zimbório que coroava o tramo central, elevando-se entre as duas torres laterais. Com efeito, esse falso zimbório consistia numa parede de alvenaria de dois andares ligeiramente curvada na parte frontal, a qual se encontrava colocada no lugar do habitual frontão, isto é, encostada ao pano da fachada e coroando a parte superior do seu tramo central (Figura 19). O falso zimbório era constituído por um pretensio tambor

dividido em três tramos por intermédio de pilastras, possuindo cada tramo um nicho; um entablamento suportava superiormente a falsa cúpula, a qual era depois coroada por um suposto lanternim também ele dividido em três tramos. Esses falsos zimbórios resumiam-se somente a uma parede trabalhada cenograficamente, criando a ilusão de serem zimbórios verdadeiros quando observados frontalmente a partir do adro da igreja. E de facto essas fachadas tornaram-se elementos de algum modo estruturadores do espaço urbano imediatamente fronteiro à igreja: estas fachadas eram edificadas para serem contempladas a partir de espaços definidos com uma organização direccional axial em relação à entrada da igreja (eixo que os próprios cruzeiros geralmente existentes, de grandes dimensões e profusamente ornamentados, ajudavam a estabelecer), ou seja, eram para ser observadas de preferência a partir dos adros dessas igrejas (Figura 20).



**Figura 20: Igreja de São Caetano em Assagão.**  
Fonte: Foto do autor, 2006.

A problemática do enquadramento visual urbano de fachadas de duas torres com zimbórios centrais na arquitectura religiosa foi uma questão que se colocou durante o processo de construção da nova Basílica de São Pedro em Roma, sem nunca ter sido, no entanto, resolvida nesse edifício em concreto. Borromini propôs na Igreja de Sant’Agnese in Agone, também em Roma, uma solução viável que permitia atenuar o impacto das torres laterais das fachadas, assim como enquadrar visualmente o zimbório com as torres, mesmo quando a igreja era observada de perto. Algo que funcionava relativamente bem para templos de planta centralizada, onde o zimbório quase que encostava à fachada, mas

que se tornava incompatível para os templos de planta longitudinal, onde os zimbórios eram visíveis na sua plenitude somente quando observados de longe. Se a problemática do enquadramento das duas torres com os zimbórios não foi resolvida com a construção da Igreja de Nossa Senhora da Divina Providência em Goa, a significativa influência que esta exerceu posteriormente originou um tipo muito particular de fachada religiosa indo-portuguesa em Goa. Estas igrejas cupoliformes subsequentes permitiram de certa forma resolver a questão do enquadramento das duas torres com os zimbórios em templos de planta longitudinal, recorrendo à artimanha cenográfica da colocação de um falso zimbório entre as torres laterais e sobre o pano central da fachada.

**Joaquim Manuel Rodrigues dos Santos** licenciou-se em Arquitectura pela Universidade de Coimbra e concluiu o mestrado em Arquitectura, Território e Memória pela mesma universidade. Realizou o curso de especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Conjuntos Históricos (CECRE) na Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, e doutorou-se em Arquitectura pela Universidad de Alcalá de Henares (Madrid). Actualmente é pós-doutorando no ARTIS - Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e é membro fundador do Instituto para Investigação e o Desenvolvimento da Universidade Lusófona de Cabo Verde. Para além de investigador na área da arquitectura, urbanismo e património cultural, desenvolve pontualmente actividade como arquitecto, tendo sido convidado para integrar diversas equipas de projecto. Colabora com a ONGD Associação para o Desenvolvimento e a Promoção da Autonomia na área de ordenamento do território, arquitectura, urbanismo e património cultural.

## Notas

- 1 Sobre esta questão, ver: *As Portas da Jerusalém Celeste: Síntese formal e tipológica da evolução histórica das fachadas de duas torres na arquitectura religiosa portuguesa*. (SANTOS, 2002)
- 2 Sobre a questão da construção da nova Basílica de São Pedro em Roma, ver entre outros: *San Pietro e la città di Roma*; (BENEVOLO, 2004) *Studies in Italian Renaissance Architecture*; (LOTZ, 1977) *Baroque Architecture*; (NORBERG-SCHULZ, 1971) *Architettura del Rinascimento a Roma*; (PORTOGHESI, 1970) *The architecture of the Italian Renaissance*. (MURRAY, 1963)
- 3 De facto, neste código estavam representados diversos templos – aparentemente de planta centralizada – possuindo imponentes torres marcadamente divididas em andares que enquadravam cúpulas ou zimbórios centrais. Filarete esteve ao serviço de Francesco I Sforza (1401-1466) na corte de Milão, e por intermédio de contactos com operários germânicos e franceses que trabalhariam nas obras de finalização da catedral de Milão, poderá ter-se inspirado nas enormes torres das grandes catedrais góticas da Europa setentrional, adaptando-as no entanto ao gosto classicista. Nos códigos elaborados por Leonardo da Vinci (1452-1519), que também esteve ao serviço de Sforza, existiam alguns desenhos representando templos de planta centralizada que possuíam quatro torres nos ângulos enquadrando um zimbório central. Tal como Filarete, da Vinci e outros artistas do Renascimento, também o próprio Bramante esteve na corte de Sforza, pelo que eventualmente poderia conhecer em primeira mão os desenhos de Filarete.
- 4 É preciso não esquecer que a via da Conciliação, a ampla avenida hoje existente que liga o castelo de Sant'Angelo à praça de São Pedro no Vaticano, só foi construída no segundo quartel do século XX, mediante as extensas demolições de edifícios do bairro Borghi promovidas durante a ditadura de Benito Andrea Mussolini (1883-1945). No século XVII a malha urbana do bairro Borghi iniciava-se logo a seguir à praça de São Pedro, com edifícios em altura e ruas estreitas a partir das quais era impossível ter uma visão da fachada da basílica vaticana. A contemplação da fachada da basílica na sua plenitude só era possível depois de se deixar o apertado bairro Borghi e entrar-se na ampla praça de São Pedro, o que contribuía para causar sensações de surpresa e assombro no espírito dos observadores que se dirigiam para a magnificente basílica vaticana.
- 5 Por exemplo: António da Sangallo "o Velho" (1453-1534) projectou a Igreja de Peregrinação de Madonna di San Biagio em Montepulciano, iniciada em 1518, a qual evidenciava estreitas afinidades com o projecto de Bramante para a nova Basílica de São Pedro em Roma (planta em cruz grega com introdução de duas torres laterais na fachada principal enquadrando o zimbório, embora só uma dessas torres tenha sido efectivamente construída); a catedral de Montefiascone, iniciada em 1519 segundo projecto de Michele Sanmicheli (1484-1559), foi inspirada na medalha de Caradosso, embora Sanmicheli possa ter tido conhecimento do projecto de Bramante aquando a sua estadia em Roma; também a basílica de Santa Maria Assunta di Carignano em Génova, iniciada em 1548 com projecto de Galeazzo Alessi (1512-1572) e Pellegrino Tibaldi (1527-1596), terá sido influenciada pelos projectos

de fachadas propostas para a nova Basílica de São Pedro em Roma no modo como as torres estavam colocadas face ao corpo da igreja, ou seja, relativamente afastadas.

6 O projecto inicial da Igreja Sant'Agnese in Agone em Roma, iniciada em 1652, era da autoria de Girolamo Rainaldi (1570-1655), tendo-lhe sucedido como responsável pelas obras o seu filho Carlo Rainaldi (1611-1691). Depois de Borromini, responsável principal pela execução da fachada e enquadramento das suas torres laterais com o grande zimbório central, também Bernini teve uma breve passagem como arquitecto desta igreja, já na sua fase final.

7 Sobre os concursos de arquitectura realizados na Idade Moderna, ver: *Architectural Diplomacy: Rome and Paris in the Late Baroque*. (SMITH, 1993)

8 Sobre o complexo religioso dos teatinos em Goa, ver: *Arquitectura, religião e política em Portugal no século XVII: A planta centralizada*; (GOMES, 2001) *Riflessi della Ghiara nell'India Portoghese: La chiesa dei teatini a Goa*. (MOREIRA, 1997)

9 Maderno foi também o principal arquitecto da sede dos teatinos em Roma, a Igreja de Sant'Andrea della Valle.

10 Sobre as igrejas com fachadas cupuliformes em Goa, ver: *Whitewash, red stone: A history of church architecture in Goa*; (GOMES, 2011) *Urbanismo e Arquitectura no Estado da Índia (Índia Portuguesa): Alguns Temas e Exemplificações*; (FERNANDES, 1999) *Baroque Goa*. (PEREIRA, 1995)

## Referências

- AZEVEDO, Carlos de. *A arte de Goa, Damão e Diu*. Lisboa: Pedro de Azevedo - Leiloeiro/Livreiro, 1992.
- AZEVEDO, Carlos de. The churches of Goa. In: *Journal of the Society of Architectural Historians*. Berkeley: University of California Press, vol. 15, nr. 3, p. 3-6, 1956.
- BENEVOLO, Leonardo. *San Pietro e la città di Roma*. Roma - Bari: Laterza, 2004.
- CHICÓ, Mário Tavares. Igrejas de Goa. In: *Garcia da Orta*. Lisboa: Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar, número especial, p. 331-336, 1956.
- CHICÓ, Mário Tavares. Aspectos da arte religiosa da Índia Portuguesa (A arquitectura e a talha dourada). In: *Boletim da Agência-Geral do Ultramar*. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, nr. 318, p. 119-132, 1951.
- DIAS, Pedro. *História da arte portuguesa no Mundo (1415-1822): O Espaço do Índico*. Lisboa: Círculo de Leitores e Autores, 1998.
- FERNANDES, José Manuel. Urbanismo e Arquitectura no Estado da Índia (Índia Portuguesa): Alguns Temas e Exemplificações. In: *Vasco da Gama e a Índia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 271-293, 1999.
- GOMES, Paulo Varela. *Whitewash, red stone: A history of church architecture in Goa*. New Deli: Yoda Press, 2011.
- GOMES, Paulo Varela. *Arquitectura, religião e política em Portugal no século XVII: A planta centralizada*. Porto: FAUP Publicações, 2001.
- GOMES, Paulo Varela. Fachadas de igrejas alentejanas entre os séculos XVI e XVIII. In: *Penélope*: Lisboa, Edições Cosmos, n. 6, p. 21-44, 1991.
- LOTZ, Wolfgang. *Studi sull'architettura italiana del Rinascimento*. Milano: Mondadori Electa, 1989.
- LOURENÇO, José. *The parish churches of Goa: A study of facade architecture*. Margão: Amazing Goa Publications, 2005.
- MOREIRA, Rafael. *Riflessi della Ghiara nell'India Portoghese: La chiesa dei teatini a Goa*. In: *La Basílica della Ghiara: Il miracolo della città*. Reggio Emilia, [s.n.], 1997.
- MURRAY, Peter. *Architettura del Rinascimento*. Milano: Laterza, 1995.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *Baroque Architecture*. New York: Rizzoli, 1971.
- PEREIRA, António Nunes. *A Arquitectura Religiosa Cristã de Velha Goa: Segunda Metade do século XVI – Primeiras Décadas do século XVII*. Lisboa: Fundação Oriente, 2005.
- PEREIRA, José. *Baroque Goa*. New Deli: Books & Books, 1995.
- PORTOGHESI, Paolo. *Architettura del Rinascimento a Roma*. Milano: Electa, 1970.
- SANTOS, Joaquim Rodrigues. *As Portas da Jerusalém Celeste: Síntese formal e tipológica da evolução histórica das fachadas de duas torres na arquitectura religiosa portuguesa*. Prova Final (Licenciatura

em Arquitectura) – Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2002.

SMITH, Gil H. *Architectural Diplomacy: Rome and Paris in the Late Baroque*, New York: Architectural History Foundation, 1993.